

XIX encontro nacional
de pesquisa em
ENANCIB ciência da informação

// SUJEITO INFORMACIONAL E AS
PERSPECTIVAS ATUAIS EM CIÊNCIA
DA INFORMAÇÃO. //

22-26
OUTUBRO
2018
LONDRINA/PR



XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2018

GT 10 – Informação e Memória

“TANTO CURA COM A CASCA DA JUREMA COMO CURA COM A FRÔ”¹: A EXPERIÊNCIA DAS ERVAS E A CONEXÃO COM O SAGRADO DA JUREMA NO ARQUIVO JOSÉ SIMEÃO LEAL

Carla Maria de Almeida (Doutoranda pelo PPGCI/UFPB)

Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira (Docente ligada ao PPGCI/UFPB)

"SO HEALING WITH JUREMA'S BARK AS HEALING WITH FLOWER": THE EXPERIENCE OF THE HERBS AND THE CONNECTION WITH THE SACRED OF JUREMA IN THE ARCHIVE JOSÉ SIMEÃO LEAL

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: O presente artigo é fruto da pesquisa desenvolvida durante a dissertação, que teve como objeto a memória construída sobre a Jurema no arquivo pessoal do intelectual paraibano José Simeão Leal. Os documentos referentes à Jurema, religião afro-indígena, encontram-se nos gêneros sonoro, textual e iconográfico. A documentação aqui analisada, presente em formato de texto manuscrito e datilografado, refere-se às plantas e ervas utilizadas no contexto religioso. Nossa perspectiva parte do princípio de que os documentos compreendem em *médiuns* de memória, se constituindo, pois, em importantes suportes informacionais, logo, importantes meios para um conhecimento do grupo registrado. Como procedimento metodológico, adotamos a análise documental. O objetivo deste trabalho é refletir as informações sobre as plantas e ervas utilizadas em rituais de Jurema, cujas anotações indicam as descrições de seu uso, suas definições e atribuições. José Simeão Leal registrou o duplo papel das plantas medicinais no contexto religioso: sacral e funcional, ou seja, seu valor simbólico e o papel que ela desempenha na situação ritualística. A partir disso, concebemos o Arquivo de José Simeão Leal um espaço de memória sobre a Jurema praticada na Paraíba, espaço onde memórias sobre sabedoria popular, artes da cura através das plantas e do ritual da Jurema podem ser evocadas por meio dos documentos ali presentes.

Palavras-Chave: Arquivo José Simeão Leal; Jurema; Ervas; Memória Social.

Abstract: This article is the result of the research developed during the dissertation, whose object was the memory built on the Jurema in the personal archive of the paraiban intellectual José Simeão Leal. The documents referring to Jurema, afro-indigenous religion, are found in the sonorous, textual and iconographic genres. The documentation analyzed here, present in handwritten and typed text format,

¹ Trecho retirado da linha do Mestre Antônio, datilografado no Arquivo José Simeão Leal.

refers to plants and herbs used in the religious context. Our perspective is based on the fact that the documents are understood in memory mediums, constituting, therefore, important informational media, thus, important means for a knowledge of the registered group. As a methodological procedure, we adopted documentary analysis. The objective of this work is to reflect the information about the plants and herbs used in rituals of Jurema, whose annotations indicate the descriptions of their use, their definitions and attributions. José Simeão Leal recorded the double role of medicinal plants in the religious context: sacral and functional, that is, its symbolic value and the role it plays in the ritualistic situation. From this, we conceive the José Simeão Leal Archive a space of memory about Jurema practiced in Paraíba, space where memories about popular wisdom, healing arts through the plants and the Jurema ritual can be evoked through the documents present there.

Keywords: Archive José Simeão Leal; Jurema; Herbs; Social Memory.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo consiste em um fragmento da dissertação, que teve como objeto a memória construída sobre a Jurema no arquivo pessoal do intelectual paraibano José Simeão Leal (AJSL). O arquivo custodia documentos oriundos dos diversos momentos da trajetória de seu acumulador, produzidos a partir de atividades profissionais ou de momentos pessoais. No presente artigo, o objetivo compreende em refletir sobre a documentação em formato de texto que retêm informações sobre as plantas e ervas utilizadas nos rituais de Jurema.

No AJSL, os documentos referentes à Jurema encontram-se nos gêneros sonoro, textual e iconográfico. Além de correspondências recebidas por pesquisadores como Roger Bastide, identificamos um conjunto de quarenta e uma fotografias em preto e branco, impressas a partir de filmes negativos em forma de papel (não digitais), e cinco fotografias fotocopiadas.

Outra fonte documental referente ao tema é um desenho traçado por José Simeão Leal, bem como anotações escritas ao longo de suas pesquisas. Dentre os escritos, encontram-se o número de 81 folhas de textos manuscritos e datilografados sobre a Jurema, dos quais oito (8) são apresentados aqui. Toda essa documentação foi digitalizada. Os manuscritos foram transcritos, optamos por apresentar a cópia do documento e sua transcrição em itálico devido à dificuldade de compreensão da letra de José Simeão Leal. As palavras não compreendidas foram colocadas entre colchetes com interrogação.

Nossa pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, sob o prisma da descrição e análise, em que buscamos, a partir dos documentos consultados, refletir e compreender qualitativamente a memória produzida de um grupo social, especialmente sobre a memória produzida sobre as plantas e ervas utilizadas na religião. Como procedimento metodológico, adotamos a análise documental (ARÓSTEGUI, 2006), cujas normas e técnicas, procedidas de

forma externa e interna, ou seja, por seu formato e conteúdo, nos possibilitaram uma reflexão pautada na fiabilidade das informações que explicaram os documentos permanentes.

A documentação aqui analisada compreende em parte da documentação produzida sobre a Jurema. O recorte é dos documentos referentes às plantas e ervas utilizadas no contexto religioso. José Simeão Leal, ao realizar sua pesquisa, dedicou com afinco aos estudos das plantas, registrando seus efeitos psicoativos, usos e saberes que envolvem no seio da Jurema.

A Jurema consiste em uma religiosidade essencialmente indígena, com fortes influências das religiões de matrizes africana e europeia. Seu ritual é realizado com o intuito de estabelecer o contato com as entidades cultuadas (como caboclos e caboclas, mestres e mestras, pretos-velhos e pretas-velhas, entre outros), para isso, os/as fiéis seguem tradições no desenvolvimento do rito, por meio de cantos, danças e práticas (como a bebida do vinho da jurema e o fumo do cachimbo). Os rituais são costumeiramente realizados no interior de um terreiro ou dentro de uma mata.

Vale salientar que, durante esse período e até a década de 1960, os cultos afro-indígenas eram duramente reprimidos e perseguidos não apenas na Paraíba, mas em todo o Brasil (RAFAEL; MAGGIE, 2013). Apresentando um breve panorama histórico da repressão por parte dos poderes governamentais e policiais, Rafael e Maggie (2013) mostram que as religiosidades afro-indígenas foram, desde o período colonial, vítimas de opressão. As pessoas que praticavam as denominadas feitiçarias sofriam com penas estrategicamente formuladas, ao ponto de instituições de policiamento terem sido exclusivamente criadas para regular, combater e punir essas práticas.

Em meio a um contexto repressor, José Simeão Leal frequentava com assiduidade os espaços religiosos de matriz afro-indígena, em especial os terreiros de Jurema localizados na cidade paraibana do Conde, conforme afirma Iêda Linhares, sobrinha de José Simeão Leal, citada em Oliveira (2009, p.123-124). Tal contato pode ser percebido pelos registros, no qual ficava evidenciada uma relação de confiança entre os/as religiosos/as e José Simeão Leal.

Nossa perspectiva parte do princípio de que os documentos compreendem em *médiuns* de memória (ASSMANN, 2011), se constituindo, pois, em importantes suportes informacionais, logo, importantes meios para um conhecimento do grupo registrado. As imagens e escritos registrados pelo paraibano nos possibilitam enxergar uma visão da Jurema praticada na primeira metade do século XX. A partir da ótica de José Simeão Leal, temos acesso

ao universo da “Jurema sagrada”², na qual estão inseridos objetos, lugares, práticas e sujeitos que foram representados, e, também, ressignificados nos suportes memoriais nos quais foram registrados. A memória a que nos remetemos incide sobre a relação de uma memória individual, de quem registrou, e coletiva, do grupo registrado.

2 ARQUIVO JOSÉ SIMEÃO LEAL: ESPAÇO DE MEMÓRIA DA JUREMA

Concordamos com Assmann (2011, p. 369) quando situa o arquivo (pessoal) enquanto um armazenador de memória, de forma que seus elementos constituintes retêm “memória potencial ou pré-condição material para memórias culturais futuras”. O arquivo pessoal neste aspecto constitui-se como uma referência para a percepção da relação entre a memória individual e a memória coletiva. Os referentes do passado, materializados nos documentos do presente, informam sobre o contexto individual e coletivo no qual o documento foi produzido. Destacam Córdula e Oliveira (2015, p.48),

No caso dos arquivos pessoais, a memória, enquanto evocadora do passado, traz, para além das informações e das experiências de um fato vivido, os referentes do passado para a construção de uma memória no/do presente, configurando um cenário individual emergindo no coletivo.

A memória materializada nos documentos pertence tanto ao seu titular quanto aos sujeitos que, de alguma forma, tiveram relação com os documentos ali encontrados. Esses documentos podem ter conteúdos diversos e são mantidos por apresentar interesse patrimonial e para pesquisa, uma vez que trazem informações sobre a vida social e cultural, aspectos históricos, políticos e profissionais da personalidade, como também dos sujeitos que deixaram rastros no arquivo. O conjunto documental organicamente acumulado em um arquivo pessoal possui informações que possibilitam evocar a trajetória de vida de seu titular, dos demais sujeitos com os quais ele se relacionava e do contexto qual estava inserido.

Com isso, AJSL é visto como uma referência de sua memória e a memória das pessoas com quem ele teve contato. A memória materializada nos documentos pertence tanto a José Simeão Leal quanto aos sujeitos que, de alguma forma, tiveram relação com os documentos ali encontrados, como os juremeiros e as juremeiras com os quais ele realizou seus estudos.

As informações materializadas nos suportes documentais envolvem “impressões, emoções, sentimentos” (SILVA; RIBEIRO, 2008, p.43), são construídas, transmitidas e decodificadas socialmente. A memória evocada a partir das informações constantes nos

² Expressão utilizada pelos religiosos e pelas religiosas em que se saúda: Salve, salve a Jurema sagrada!

documentos remete tanto a José Simeão Leal, que realizou, armazenou e preservou o registro, como aos juremeiros e às juremeiras, o grupo referenciado nos documentos. Sem um, não existiria, naquele suporte, a memória do outro. Essa memória é construída a partir da relação do individual com o coletivo. No entanto, discordando da visão pragmática de Halbwachs (1990), para se evocar uma memória do grupo, não é necessário fazer parte dele. Os documentos são fontes de informação e possibilitam o acesso a uma memória do grupo, que se mantém no presente devido à preservação documental. Essa memória, por sua vez, se reconstrói e adquire significados a partir do acesso de usuários do arquivo a ela, o uso delas em trabalhos ou fins diversos, além dos processos e conflitos que a permearam ao longo do tempo.

Esse entendimento dialoga com as proposições elencadas por Gondar (2005), e assim, podemos considerar que a memória não apenas representa, mas ressignifica, de forma que admite sua permanente construção, dinamicidade e atuação no presente. Por esse viés, a memória não é estática, nem está cristalizada, ela é elástica e tem a potencialidade de ressignificar o que é lembrado. A autora conclui que:

Conceber a memória como processo não significa excluir dele as representações coletivas, mas de fato, nele incluir a invenção e a produção do novo. Não haveria memória sem criação: seu caráter repetidor seria indissociável de sua atividade criativa; ao reduzi-lo a qualquer uma dessas dimensões, perderíamos a riqueza do conceito (GONDAR, 2005, p.26).

No campo da Ciência da Informação, a memória é tratada enquanto objeto potencial que carrega em suas entrelinhas “traços informacionais”, cabendo ao cientista da informação mensurar a potencialidade informacional desse passado a partir dos referenciais de memória.

Uma vez que a memória no campo da Ciência da Informação se preocupa em decifrar o caráter singular que é representado no ato informacional, seja de um indivíduo ou um grupo, ela não depende de uma ligação com a temporalidade espacial e cronológica da história. Aqui, a memória não tem a pretensão de proceder à reconstrução avaliativa do passado, ou mais, do tempo, e sim, fazer emergir as informações potenciais existentes nos traços de memória. Nosso problema consiste em identificar quais informações acessamos com os registros de José Simeão Leal.

Os registros documentais constantes no AJSL trazem elementos informacionais que permitem ao usuário o acesso à memória do grupo, dimensionando aspectos que remetem ao tema. Eles não apenas representam a memória, eles estão em diálogo com o tempo e

espaço nos quais o arquivo está inserido, de forma que sua memória é ressignificada de acordo com o uso da informação acessada.

Através dos médiuns presentes no AJSL, evocamos uma memória construída a partir da mediação desenvolvida por José Simeão Leal ao longo de sua pesquisa sobre a Jurema na Paraíba. Por meio da memória materializada nos médiuns, acessamos a dimensão informacional produzida sobre as plantas utilizadas nos rituais de Jurema na Paraíba.

3 PLANTAS E ERVAS: REPRESENTAÇÕES NO ARQUIVO JOSÉ SIMEÃO LEAL

Cascudo (1978) demonstra que, a partir das influências afrodescendentes e europeias, a complexidade da formação do Catimbó-Jurema à terapia, medicina, segredo e sabedoria.

Negros, indígenas, europeus fundiram-se no Catimbó. A concepção da magia, processos de encantamento, termos, orações, são da bruxaria ibérica, vinda e transmitida oralmente. A terapêutica vegetal é indígena pela abundância e proximidade além da tradição médica dos pajés. Na Europa a farmácia bruxa é sempre vegetal. Como todo tratamento primitivo, aproveitando a flora sugestiva, no empirismo dos simples e drogas. O bruxo europeu já trazia o hábito e encontrou no continente a fartura de raízes, vergôntes, folhas, frutos, cascas, flores e ainda uma consciência secular aborígine na mesma direção e horizonte. A convergência foi imediata. Com o negro africano houve o fenômeno idêntico. Apenas, quando arredado dos eitos da lavoura açucareira, velho, trêmulo e sempre amoroso, assumiu a percentagem mais decisiva como mestre orientador e dono de segredos. Pelo simples fato de viver muito, existe, espontaneamente, uma sugestão de sabedoria ao redor do macróbio. Quem muito vive, muito sabe (CASCUDO, 1978, p.35).

As plantas e ervas são historicamente conhecidas como ingredientes utilizados na arte de curar (ARRUDA CAMARGO, 2014b). A medicina popular tem um leque de chás, garrafadas³ e “boticas” que promovem, através da “terapêutica vegetal”, formas de curar os males. Nas religiões mediúnicas, o uso das ervas em forma de bebida, banho ou fumaça acompanhado, por vezes, de rezas, constitui “parte essencial e mais citada comumente nos receituários verbais” (CASCUDO, 1978, p.93). A religião atribui às plantas o caráter sagrado, em um manuseio cujo “curador” ou mestre, é revestido pela crença em poderes sobrenaturais,

É a religiosidade que confere à medicina popular seu caráter sacral, condição que faz alimentar no homem e no grupo social ao qual pertence, a crença nos “poderes” sobrenaturais do curador de interpretar doenças, indicar terapias e de preparar remédios, aos quais se admite de eficácia garantida (ARRUDA CAMARGO, 2014b, p. 4).

³ Sobre as garrafadas, ver Arruda Camargo (2011).

Através da escuta e dos saberes tradicionalmente passados e adquiridos, o curador descobre a causa do mal e determina os procedimentos a serem seguidos:

O curador ouve a queixa do doente atentamente e, usando dos recursos que julga os mais adequados, busca restituir ao indivíduo que sofre, o estado anterior à instalação do mal que o leva à consulta. O curador, com base em sua experiência, é capaz de perceber que o sofrer implica na interação de fatores físicos, mentais, sociais e espirituais, conjugados subjetivamente por aquele que sofre algum mal. Este mal pode ser traduzido em dor física localizada, possibilitando ao curador, depois de uma interpretação etiológica subjetivamente construída, determinar o órgão afetado ou a parte do corpo atingida e a terapia a ser aplicada (ARRUDA CAMARGO, 2014b, p. 4-5).

Conforme Arruda Camargo (2014a; 2014b; 2005-2006), as plantas medicinais no contexto religioso de cura desempenham duplo papel: sacral e funcional. No primeiro, percebe-se a predominância do pensamento subjetivo de explicações passíveis de distintas interpretações, enquanto que, no segundo, sobressai o pensamento passível de explicações racionais. Explicita a autora,

a) Primeiramente, temos o papel sacral, de valor simbólico, correspondente a cada planta, o qual está preso a um pensamento mítico, legitimado por meio de ritos próprios [...].

b) Em segundo lugar, temos o papel funcional – aquele que cada planta desempenha dentro dos rituais, tendo em vista seu valor intrínseco, o qual se supõe poder determinar em que situação ritualística ela se enquadra. Neste caso, devemos nos lembrar que as plantas apresentam composições químicas diferenciadas, em muitas delas já caracterizadas as atividades biológicas possíveis, a partir de seus princípios ativos, cientificamente determinados. Exemplo das plantas psicoativas, capazes de proporcionar estados alterados de consciência, propiciando condições ideais, em circunstâncias várias, para o contato com o sagrado através do transe de possessão – momento em que as entidades incorporadas assumem seus papéis dentro das celebrações religiosas e dos rituais de cura (ARRUDA CAMARGO, 2005-2006, p.398, grifo da autora).

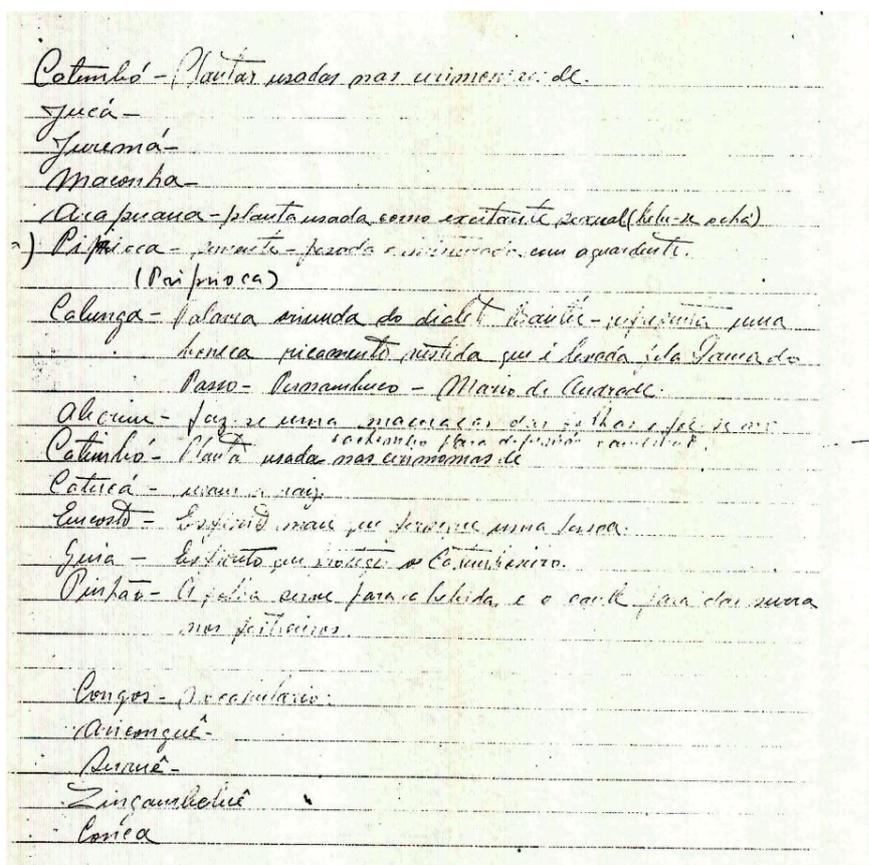
No contexto da religiosidade juremeira, as plantas são tidas como sagradas, visto que elas desempenham um papel sacral, de valor simbólico que, apesar de relacionar, não se limita à atividade biológica. Por se constituir como um importante elemento nesse contexto, muitos dos/das religiosos/as retêm o conhecimento botânico empírico, dominando assim, as propriedades medicinais das plantas.

Fernandes (1938, p.55) traz uma lista com 40 itens sobre “tratamento popular de algumas enfermidades”, coletados em várias cidades paraibanas. Em sua lista, os elementos necessários não se resumiram às plantas, têm também areia de cemitério, estrumo de boi, entre outros. Cascudo (1978, p.93) elencou uma lista com mais de 40 espécies intitulada “flora

medicinal do Catimbó”, das quais podemos destacar: jurema, velame, angico, arruda, jucá, manacá e pinhão.

Sendo a Jurema uma religiosidade permeada pelos segredos que envolvem plantas e ervas, José Simeão Leal buscou, através do conhecimento científico e religioso, identificar os efeitos das plantas. Nos seguintes fac-símiles, podemos observar a denominação da planta, sua terminologia em latim, seu efeito colateral e uso.

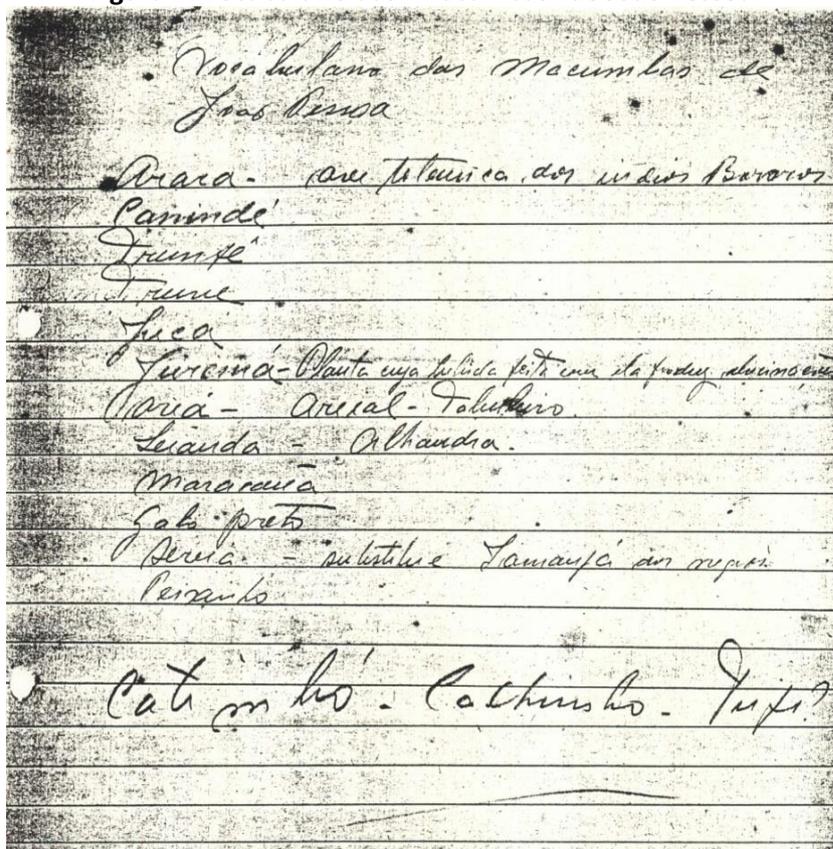
Figura 1: Lista de ervas e seus usos.



Fonte: AJSL.

Na figura 1, a lista manuscrita apresenta plantas e outros elementos (calunga, guia) ligados ao universo afro-indígena. Entre as plantas e raízes, podemos evidenciar a maconha, arapuana, pripioica, alecrim, pinhão e catucá. Algumas dessas tiveram seus usos indicados: *Arapuana – planta usada como excitante sexual (bebe-se o chá), Pripioica – semente – [passada?] [?] com aguardente, Alecrim – Faz-se uma maceração das folhas e põe [?] e Pinhão – a folha serve para a [?] e o mal para dar surra nos feiticeiros. O catimbó aparece com a definição plantas usadas nas cerimônias [?]*”.

Figura 2: Vocabulário das “macumbas” de João Pessoa.



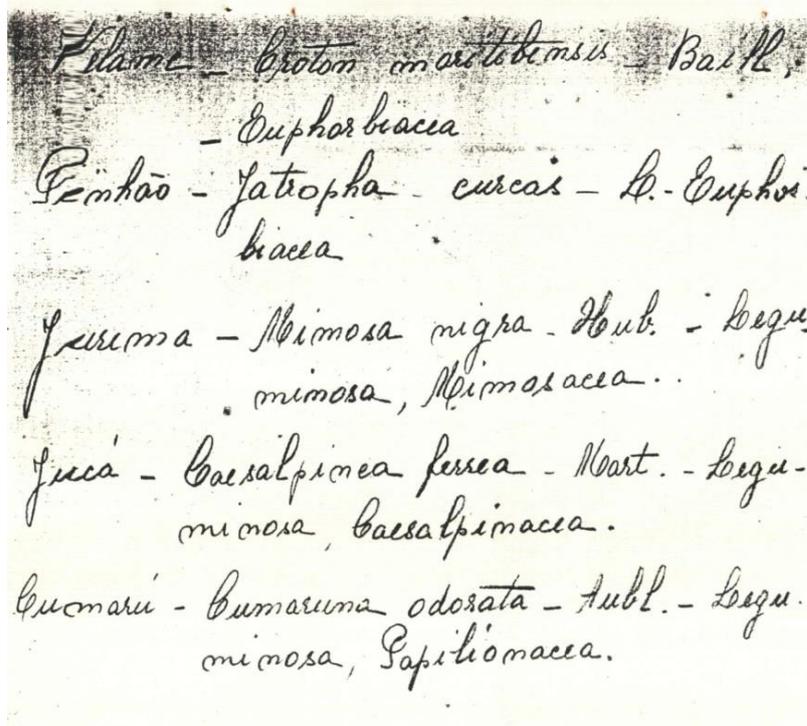
Fonte: AJSL.

A anotação da figura 2 tem como título *Vocabulário das macumbas de João Pessoa*. O termo *vocabulário* indica que o intelectual pretendeu levantar um conjunto de vocábulos usados no contexto religioso; *das macumbas de João Pessoa*, remete às diversas manifestações religiosas chamadas de *macumbas* presentes na capital paraibana. Com isso, José Simeão Leal buscou conhecer e sistematizar as palavras ditas no universo religioso pessoense. O título do manuscrito nos faz pensar que essas palavras foram selecionadas e definidas de acordo com a observação em campo de José Simeão Leal ou através de diálogo com os integrantes da religião.

Jurema, planta muito referenciada nas toadas, tem como definição: *Planta cuja bebida feita com ela provoca alucinações*. Conforme a descrição, além da referência sagrada, há o indicativo da feitura do chá desta planta, e de que ele provoca efeito psicotrópico.

O não preenchimento das definições dos vocábulos indica que o intelectual não concluiu o catálogo, seja por desistência, talvez impulsionado por seu retorno ao Rio de Janeiro (1946), ou pela falta de circulação de informação. Todavia, a partir dos demais manuscritos, vemos os esforços do pesquisador paraibano em levantar esse vocabulário.

Figura 3: Lista de plantas e sua denominação em latim.



Fonte: AJSL.

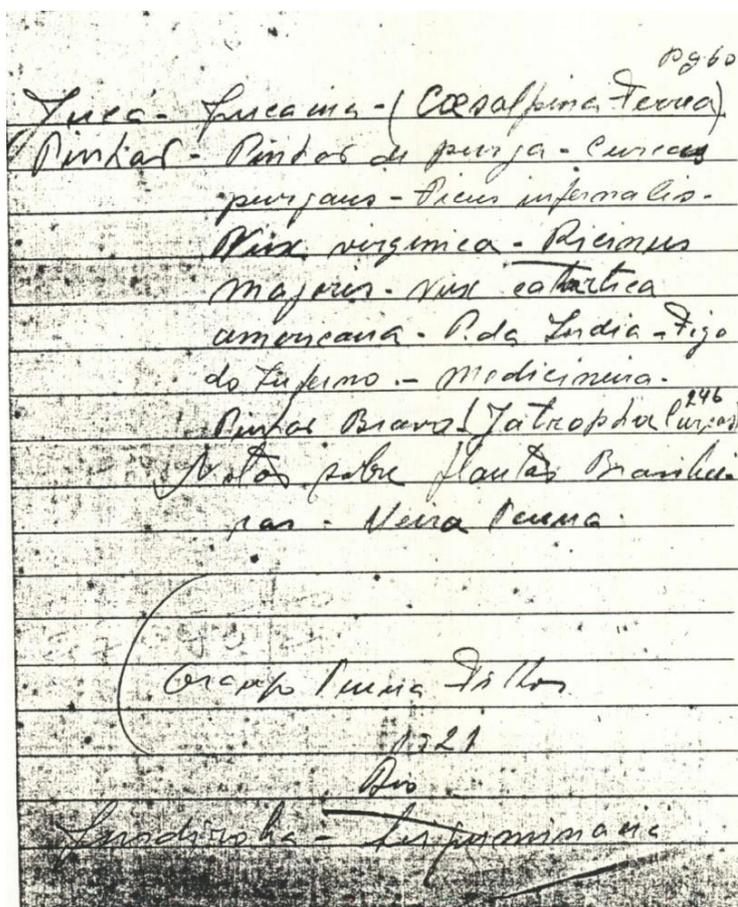
Não apenas os usos e efeitos foram levantados por José Simeão Leal, na figura 3 vê-se uma lista de plantas com suas denominações em latim. A descrição em latim demonstra o interesse e aprofundamento de sua pesquisa na “farmacopeia de origem vegetal” (CASCUDO, 1978).

As plantas citadas na figura 3 foram também referenciadas por Cascudo (1978). Sobre Pinhão, escreveu o potiguar “é o terror do catimbozeiro. Surra dada com o galho de pinhão mata todas as forças do feiticeiro, tornando-o fraco e desarmado por algum tempo” (p.101); sobre velame: “*Croton campestres*, purgativo, catártico” (p.101); sobre jucá: “*Caesalpinia ferrea*, hemostático, contra tosses rebeldes e traumatismos. Medicina simpática: os melhores cacetes são feitos do miolo do jucá. O verbo ‘matar’ em nheemgatu é *iucá*, jucá. *Contraria contrariis*” (p.98); e sobre a jurema:

Mimosa nigra, a jurema preta, Acacia jurema, a branca. Usadas as raízes, cascas, sementes, receitadíssima para todos os males. Planta amuleto, a mais poderosa e cheia de tradições do encantamento indígena. Não há feiticeiro sem arruda e Catimbó sem jurema. Uma lasquinha embebida em aguardente e benzida pelo ‘mestre’ é preciosa como protetora. Os indígenas bebiam a jurema para provocar sonhos extasiantes. No Catimbó emprega-se a mistura com cachaça. [...] O “segredo da jurema” é um sinônimo do Catimbó [...] (CASCUDO, 1978, p.98-99, grifo do autor).

Das plantas e ervas usadas no universo religioso, a jurema, por sua atribuição sagrada, é a mais utilizada e referenciada nos documentos e no contexto religioso. Como expõe José Simeão em um de seus manuscritos: *Uma das plantas mais usadas nos catimbós é a Jurema (acácia Jurema, [?]) com uma [?] grande importância para os iniciados que dar o seu [nome?] as mais altas funções do Catimbó.* A espécie jurema, *Mimosa hostilis*, tem, em sua composição química, o alcaloide N-dimetiltriptamina (DMT), que é uma substância alucinógena e tem ação direta no Sistema Nervoso Central (SNC). O uso da planta pode ser tanto na ingestão da bebida, o vinho de jurema, como no fumo, através do cachimbo (ARRUDA CAMARGO, 2014a).

Figura 4: Notas sobre plantas brasileiras.

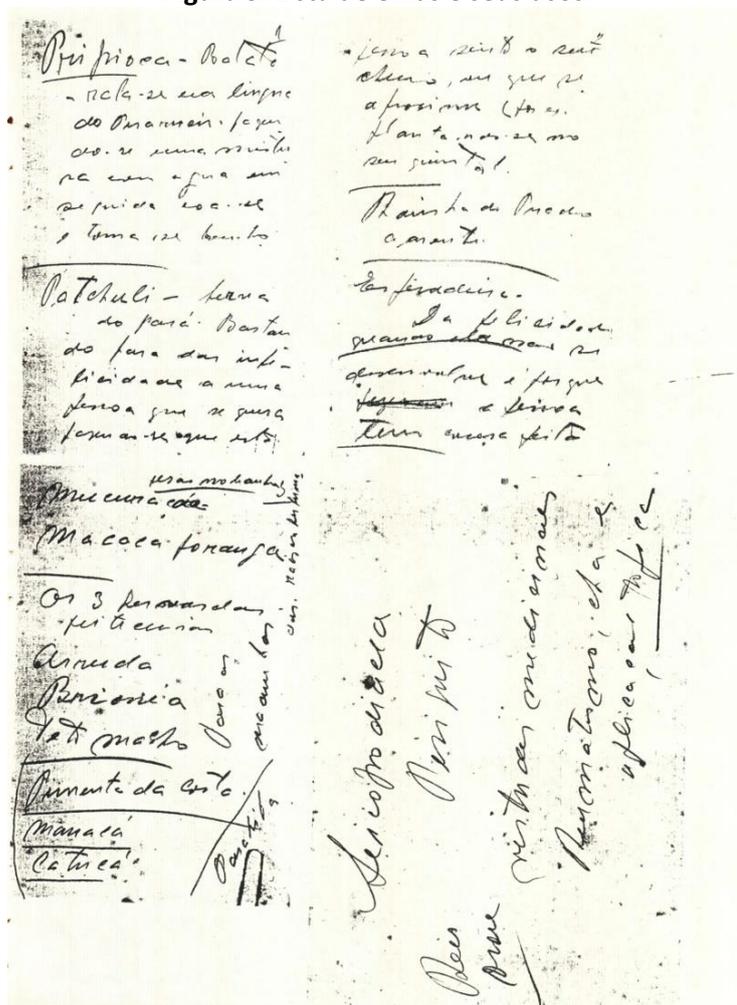


Fonte: AJSL.

Diferente das figuras 1 e 2, os documentos apresentados pelas figuras 3 e 4 trazem anotações extraídas de livros científicos ou dicionários, confirmados pelas denominações em latim e pela referência bibliográfica, com páginas, nomes do livro e da autora. O termo em latim revela o estudo de José Simeão Leal sobre o conhecimento científico produzido sobre o

tema à época. Indica, também, que ele buscou conhecer os efeitos da planta, seu papel funcional (ARRUDA CAMARGO, 2014a; 2014b).

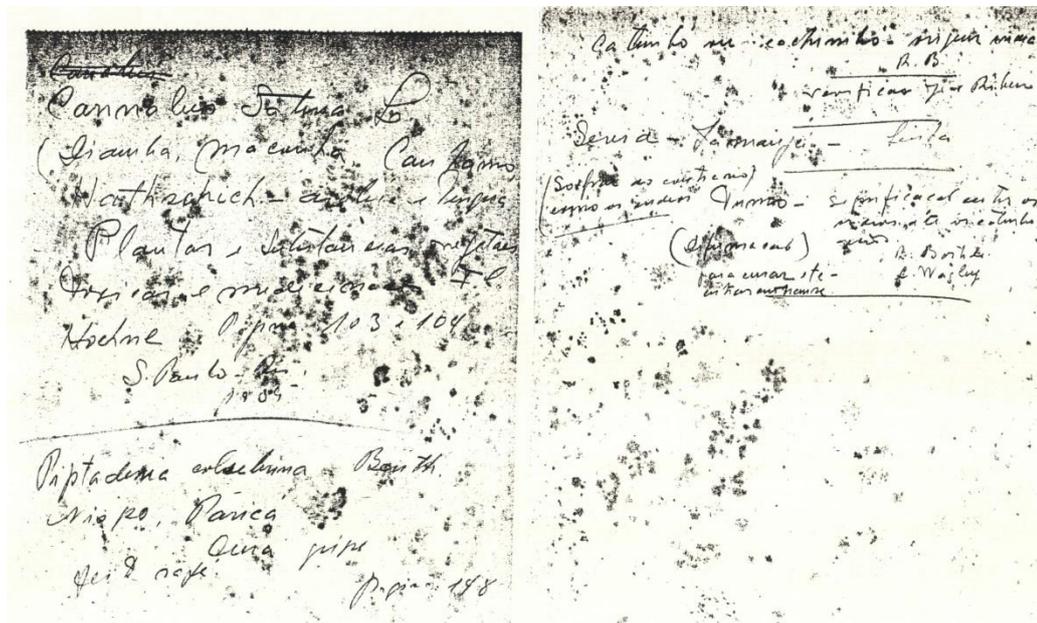
Figura 5: Lista de ervas e seus usos.



Fonte: AJSL.

Em anotações em direções diferentes (vertical e horizontal), José Simeão Leal escreveu algumas formas e usos das ervas: com a pripioca para se tomar o banho; a erva do Pará, patchuli, também usada no banho para o efeito de promover a infelicidade de uma pessoa que se queira, além de outras referências como arruda, pimenta da costa, manacá, catucá.

Figura 6: Anotações sobre plantas da obra de Roger Bastide.



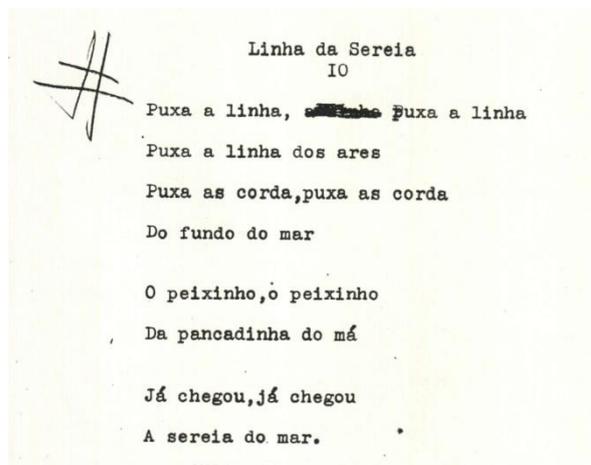
Fonte: AJSL.

Vandezande (1975, p.138-139) ao buscar a composição e efeitos químicos da jurema preta, levantou também outras plantas usadas “como remédios, especialmente para ‘limpeza’, que são catucá, manacá, junça e liamba, as duas primeiras usadas para ‘limpezas’, a terceira como ‘planta mágica’ e a última ‘contra dor’”. As plantas referenciadas por Vandezande (1975) também são mencionadas nos documentos aqui apresentados. A liamba, conforme aponta Arruda Camargo (2014a, p.192), é uma planta usada pelos indígenas por ocasião do primeiro contato com os negros africanos.

Os escritos e sua disposição na figura 6 mostram a folha como de anotação, com riscos e referências que, apesar de se reportarem ao contexto da pesquisa sobre a religiosidade, não possui uma organização rígida.

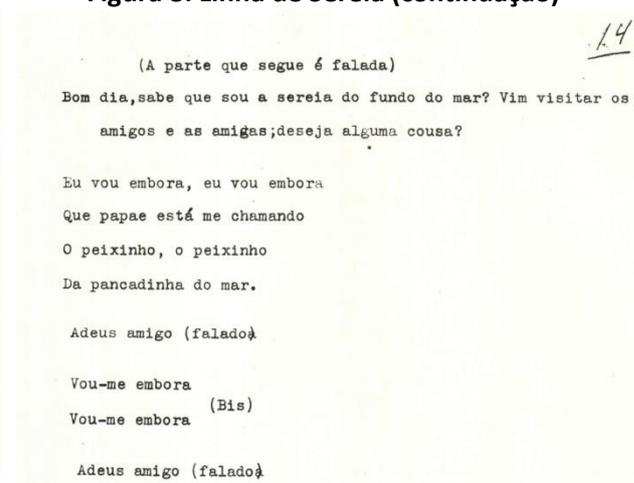
Outro elemento a ser destacado na figura 6 se refere à palavra sereia, também presente na figura 2, definida como uma nomenclatura usada para designar a orixá iorubana lemanjá. Sobre a Sereia, segue sua toada datilografada nas figuras 7 e 8:

Figura 7: Linha de Sereia



Fonte: AJSL.

Figura 8: Linha de Sereia (continuação)



Fonte: AJSL.

Na linha da Sereia (figuras 7 e 8), podemos observar rabiscos sobre uma palavra, como para excluí-la e também, um *hashtag*, como para dar destaque à linha, além de duas numerações de página no lado direito superior da figura 8. O riscado de erro na digitação é sinal de que houve uma nova leitura após a letra ser datilografada. A presença dessa toada e sua referência nas figuras 2 e 6 nos leva a considerar a evocação à orixá das águas, lemanjá, no culto da Jurema ainda na primeira metade do século XX.

Outra planta citada no figura 6 é a maconha, a *Cannabis sativa*. Sobre esta planta, afirmou Fernandes (1938, p.13-14)

Outras ervas estupefacientes como a Maconha, de origem africana, muito raramente são usadas na Paraíba, e quando isso acontece é por gente de Pernambuco ou de Alagôas (Conseguí localizar na estrada de Santa Rita a casa de uma velha conhecida pelo nome de Paraense, que cultivava muito a oculta o canhamo indiano, para um circo muito limitado de conhecedores. Um deles foi internado em condições singulares no Hospital Colonia Juliano Moreira e verifiquei tratar-se de maconhismo [...] Mas ela fechou-se em copas, pensando que se tratava da polícia, negou de pés juntos e, sem a sua ajuda, não identificamos o local da sua plantação oculta nos matos).

O trecho extraído da obra de Fernandes remete ao encaminhamento dado às pessoas que exerciam o uso da erva, o hospital psiquiátrico Juliano Moreira. Sobre a maconha, Fernandes (1938) já deixa claro o fator proibicionista que permeava a planta, que era cultivada de forma “muito a oculta” para “um circo muito limitado de conhecedores” e o receio da repressão policial às práticas e manuseio que envolviam a planta. Todavia, a referência à planta está presente em mais de um documento no AJSL: em anotações, observamos trechos

transcritos da obra “O negro brasileiro”, de Arthur Ramos, escritos por alguém não identificado, além de constar em outros documentos que tratam de plantas.

No contexto religioso, observamos que as plantas possuem um papel fundamental na prática de cura e no contato com os entes espirituais. Os documentos armazenados no AJSL nos informam uma extensa lista de plantas e ervas, formas e usos rituais. Como aponta Arruda Camargo (2014a; 2014b), as plantas e ervas constituem, apenas, fragmentos de um conjunto de fatores, que são combinados com outros elementos, como ingredientes, postura corporal, estímulos sonoros, que exercem sua função sacral. A esses elementos, Arruda Camargo (2014a, p.229) atribui o papel funcional, visto como “instrumentos indutivos do transe de incorporação passíveis de verificação empírica”.

A ação conjunta desses elementos proporciona o contato das entidades e divindades com os/as religiosos/as, por meio do transe, possessão ou incorporação ocorre ação para a cura. A partir da invocação das entidades, elas são reconhecidas pelos presentes no ritual de forma que a leitura de sua presença no espaço é convincente.

Além dos documentos textuais, encontramos no acervo fotografias de pessoas que apresentam uma expressão facial e movimento corporal característicos, próprios “das entidades invocadas” (ARRUDA CAMARGO, 2014a, p.230). As imagens revelam um sagrado que se faz presente mais no corpo do fiel que no espaço religioso. A expressão física dos sujeitos nos mostra os gestos de prestação ritual e o corpo como mediação entre o mundo material e sagrado (imaterial).

O flagrante do instante fotográfico tanto pode ocultar como evidenciar aspectos de circunstâncias referentes ao tempo e ao espaço. Porém, os detalhes podem conter informações sobre um âmbito mais amplo da religião, ou de fragmentos exclusivos da religiosidade mediúnica: o transe, a incorporação.

José Simeão Leal pesquisou sobre as plantas, levantou seus aspectos físicos, bem como suas atribuições. Ele registrou, de forma imagética, seus efeitos nos/nas fiéis, visto nas fotografias, ou seja, a demonstração experimental do efeito das plantas pesquisadas somada aos demais elementos que compõem a cena ritual, como a presença do charuto em uma das imagens constata no AJSL.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

José Simeão Leal acumulou, ao longo de sua trajetória, uma vasta documentação sobre

a Jurema na Paraíba. A diversidade documental, entre manuscritos, datilografados, desenhos e fotografias, além de referências bibliográficas, revelam aspectos da religião, que trazem informações tanto sobre os aspectos mitológicos e históricos, como sobre aspectos físicos, estruturais, além dos saberes e fazeres que envolvem o rito.

As anotações sobre as plantas e ervas indicam as descrições de seu uso, suas definições e atribuições. José Simeão Leal registrou o duplo papel das plantas medicinais no contexto religioso: sacral e funcional (ARRUDA CAMARGO, 2014a; 2014b; 2005-2006), ou seja, seu valor simbólico e o papel que ela desempenha na situação ritualística.

Observamos que as plantas possuem um papel fundamental na prática de cura e no contato com as entidades espirituais. Somadas aos demais elementos que corroboram para a realização ritual, como ingredientes, postura corporal, estímulos sonoros, induzem o transe de incorporações registradas tanto de forma imagética como escrita por José Simeão Leal.

A partir da documentação referente às plantas e às ervas, vislumbramos a dimensão da pesquisa de José Simeão Leal, o qual registrou várias facetas de uma religião que ainda na atualidade sofre intolerância. As informações nos remetem a perceber uma complexa rede de saberes que envolvem os usos e funções das plantas no contexto ritual, saberes esses desenvolvidos e transmitidos pela tradição e experiência com as plantas.

Diante disso, concebemos o Arquivo José Simeão Leal um lugar de memória da Jurema, espaço onde a memória sobre sabedoria popular, artes da cura através das plantas e Jurema pode ser evocada por meio dos documentos ali presentes.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de *et al.* **Linguagem religiosa afro-indígena na grande João Pessoa.** João Pessoa: Editora Fundação Casa de José Américo, 1987. 104p.

ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica:** teoria e método. Bauru, SP: Edusc, 2006. 592p.

ASSUNÇÃO, Luiz Carvalho de. **Reino dos mestres:** a tradição da jurema na umbanda nordestina. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2010. 285p.

ARRUDA CAMARGO, Maria Thereza Lemos de. **As plantas medicinais e o sagrado:** a etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil. São Paulo: Ícone, 2014a.

_____. A medicina na religiosidade popular. **Revista Nures**, ano X, n. 26, jan./abr., p.1-8, 2014b. Disponível em:

<<http://revistas.pucsp.br/index.php/nures/article/download/24700/17578>>. Acesso em: 28 jul. 2018.

_____. A garrafada na medicina popular: uma revisão historiográfica. **Dominguezia**, v. 27, n. 1, p. 41-49, 2011.

_____. Os poderes das plantas sagradas numa abordagem etnofarmacobotânica. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 15-16, p. 395-410, 2005-2006. Disponível em: <http://www.nptbr.mae.usp.br/wp-content/uploads/2013/05/7_MariaTerezaArrudaCarvalho.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2018.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011. 453p.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Informação e Memórias: as relações na pesquisa. **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 2, n. 1, p. 1-20, 2007. Disponível em: <http://www.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/julho_dez_2007/arquivos/informacao-e-memoria-2013-as-relacoes-na-pesquisa>. Acesso em: 21 jan. 2018.

BARROS, Ofélia Maria de. **Terreiros Campinenses: tradução e diversidade**. 2011. 200f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2011. Disponível em: <<http://ppgcs.sti.ufcg.edu.br/wp-content/uploads/2012/10/TESE-OF%C3%89LIA-MARIA-DE-BARROS-PDF.pdf>> Acesso em: 03 ago. 2018.

BASTIDE, Roger. Catimbó. In: PRANDI, Reginaldo (Org.). **Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2011, p. 146-159.

CASCUDO, Câmara. Notas sobre o Catimbó. In: CONGRESSO AFRO-BRASILEIRO: NOVOS ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS, 1., RECIFE, 1988. **Anais...** Recife: FUNDAJ, Editora Massagana, 1988. p.75-129.

_____. **Meleagro**. Rio de Janeiro: Agir, 1978. 208p.

_____. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Ediouro, 1972. 930p.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

CÓRDULA, Ana Cláudia Cruz; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. **Políbio Alves: um homem, um arquivo, uma trajetória**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

FERNANDES, Gonçalves. **O folclore mágico do Nordeste**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938. 177p.

FERREIRA, Sócrates Pereira. **A jurema sagrada em João Pessoa: um ritual em transição**. 2011. 143f. Dissertação (Mestrado em Ciência das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, Jô. DODEBEI, Vera. **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005, p. 11-26.

GONZALEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Dos estudos sociais da informação aos estudos do social desde o ponto de vista da informação. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque. **O campo da Ciência da Informação**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011. P.25-47.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice – Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990. 189p.

OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. **José Simeão Leal: escritos de uma trajetória**, v.2. 2009. 352f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

RAFAEL, Ulisses Neves; MAGGIE, Yvonne. Sorcery objects under institutional tutelage: magic and power in ethnographic collections. **Vibrant**, v. 10, n. 1, p. 276-342, 2013.

RIBEIRO, José. **Catimbó: Magia do Nordeste**. Rio de Janeiro, Pallas. 1991. 128p.

SALLES, Sandro Guimarães. **À sombra da jurema encantada: mestres juremeiros na umbanda de Alhandra**. Recife: Ed. Universitária de PE, 2010. 251p.

SEGUNDO, Francisco Sales de Lima. **Memória e tradição da Ciência da Jurema em Alhandra (PB): a cidade da mestra Jadercilha**. 2015. 172f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/handle/tede/7540>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

SILVA, Armando Malheiro; RIBEIRO, Fernanda. Noções fundamentais. In: SILVA, Armando Malheiro; RIBEIRO, Fernanda. **Das “ciências” documentais à Ciência da Informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular**. 2. ed. Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 2008. Cap. 1, p. 21-43.

VANDEZANDE, René. **Catimbó: pesquisa exploratória sobre uma forma nordestina de religião mediúnica**. 1975. 232f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1975.